PROJEÇÃO HISTÓRICA DE UM GOVERNO

J. C. Alencar Araripe

No calendário da nossa afetividade, o 9 de março marcou um momento de tristeza e emoção, que registrei na primeira reunião do Instituto do Ceará depois daquela data: o falecimento de César Cals de Oliveira Filho, de respeitável linhagem cearense e homem público de inegáveis e valiosos serviços à sua terra e ao País.

A homenagem ocorreu numa Casa de Cultura, que se dedica à História, à Geografia e à Antropologia, e essa circunstância eu a ressaltei por uma coincidência que não deixei passar despercebida: nos últimos instantes do seu governo, foi também numa Casa de Cultura – a Academia Cearense de Letras, e a mim cabendo o encargo da oração oficial, que César Cals recebeu expressiva e carinhosa manifestação de apreço e simpatia, sendo-lhe conferido o diploma de Sócio Honorário, que antes lhe fora outorgado também pelo Instituto do Ceará.

Vivia César Cals as horas finais do seu governo. E continuava a vivê-las como nos primeiros dias: um exemplo raro de atividade febricitante, que se desdobrava e se prolongava além do que é comum e normal. Na sua ação administrativa, ao longo do quatriênio que se encerrava, repontara como nota de destaque a fervorosa dedicação ao trabalho. O governante não conhecera canseiras nem se curvava às solicitações muito naturais do lazer. Esteve onde julgou sua presença necessária, como elemento de estímulo e dinamização, como força catalisadora de energias, como expressão de reconhecimento e gratidão.

Em qualquer oportunidade, o pulso do comandante, que sabia o que queria e para onde se dirigia. Não atuava ao sabor da improvisação porque tinha um roteiro, um planejamento global.

A atuação tecnicamente orientada não sacrificava, porém, a ca-

pacidade de remanejamento, conforme as circunstâncias indicavam. Diante da calamidade da seca ou em face do infortúnio das enchentes, ocorria a imediata adaptação do comportamento governamental, sem que se comprometesse a evolução das tarefas em curso e da rotina do serviço público. Durante o dia estava a percorrer o interior, ia aos confins dos Inhamuns ou diligenciava nas ribeiras do Jaguaribe; à noite, despachava no Palácio da Abolição.

Se a situação do Ceará, mesmo em tempos de bonança, não é boa nem encorajante, muito menos ofereceria perspectivas lisonjeiras nos períodos críticos. Nem por isso se deixava abater o ânimo do governante.

César Cals foi uma legenda de confiança, pelas suas palavras e pelas suas atitudes. Não confiança inconseqüente, mas aquela haurida no exato e racional dimensionamento das possibilidades do homem e do meio.

Disse o escritor Roberto Campos que o brasileiro possui a psicologia do berçário, porque tem sugado demasiado a chupeta do otimismo. Por mais verdadeira que seja a observação, não há por quê nos coloquemos no outro extremo. O clima de pessimismo não favorecerá esta geração no cumprimento da sua histórica missão. O Brasil não é um país em que o desespero seja alternativa.

Porque ainda não atingimos o estágio de desenvolvimento a que nos propomos, não é por isso que haveremos de descrer no futuro e passemos a ridicularizar a profética intuição do escrivão Pero Vaz de Caminha. O Brasil é potencialmente rico e forte, temos imensos tesouros a explorar, o povo é capaz e generoso. Não há como deter a evolução, como decorrência dos próprios fatores contingentes. Às lideranças incumbe assegurar que a torrente caudalosa não se bifurque por vias tortuosas, mas seja disciplinada para convergir aos objetivos nacionais permanentes, de tal forma a alcançarmos o desenvolvimento pleno e autêntico, que não se confunde com o simples e exclusivo crescimento econômico.

Nessa tarefa é que precisamos de homens com a concepção do governador César Cals, que não desconhecia as dificuldades a enfrentar, mas que não se amofinava diante dos obstáculos ou dos reveses momentâneos. Tinha um ideário, armou-se cavaleiro de uma cruzada, visionário, proclamarão alguns, correto seria que o classificássemos entre os privilegiados, que no dia de hoje não perdem a perspectiva do amanhã.

Não se diga que o seu Governo foi completo e foi perfeito. Quem

assim o fizesse estaria ignorando a lei da falibilidade humana. Inconstestável, porém, que o seu Governo apresentou, além da tônica do trabalho ordenado e entusiasta, uma outra faceta significativa: a abrangente universalidade com que se portou diante dos problemas conjunturais do Estado.

Fortaleza, entregue aos cuidados do prefeito Vicente Fialho, experimentou revolucionárias transformações urbanísticas; na agricultura, destaque para o incremento da lavoura algodoeira e do plantio do caju; no sistema rodoviário, a interligação asfáltica das cidades da Ibiapaba, beneficiadas igualmente pela iniciativa do bondinho para a gruta de Ubajara, inaugurado pelo seu sucessor; em termos de turismo, o seu Governo é um divisor: antes e depois dele; o drama social não foi olvidado, avultando, nessa área, a notável cooperação da Primeira Dama, D. Marieta Cals, cuja benemérita atuação nunca será de mais proclamar e exaltar; a televisão educativa tornou-se uma realidade promissora; a educação dilatou-se e alcançou **status** de universidade, a UECE de hoje, criada no seu Governo, que bem adiantados deixou os trabalhos de implantação, supervisionados com seriedade pelo professor Jerson Braga Vieira da Fonseca, com quem tive o privilégio de longa convivência no Conselho de Educação do Ceará; a cultura, em suas várias manifestações, beneficiou-se ao influxo da compreensão clarividente e do amparo solícito. O Governo foi animado de espírito integrativo, logrando conciliar as tendências acentuadamente tecnológicas da época com o sentimento humanístico que está nas raízes da árvore genealógica brasileira.

Os intelectuais e as instituições culturais, como a Academia Cearense de Letras e o Instituto do Ceará, são sensíveis, de modo particular, a um estilo de Governo como o que César Cals adotou. Não advogamos privilégios, postulamos, isto sim, o entendimento de que só é possível desenvolvimento com satisfação de pré-requisitos sociais, educacionais e culturais, que humanizam a vida e tornam o homem devidamente participante, tanto para usufruir como para oferecer.

Veja-se, de relance embora, o acervo de realizações no setor da cultura. O antigo e belo Teatro José de Alencar, nem sempre valorizado como jóia que é no gênero, foi recuperado e aformoseado mais ainda com o complemento de um jardim que ressalta a sua silhueta; criou-se a Casa da Cultura no histórico Palácio da Luz; surgiram o Teatro Móvel e o Teatro da Emcetur, no Centro de Turismo; a arte popular ganhou o seu museu; as Jornadas Culturais estenderam-se ao interior; a Biblioteca Pública do Estado conquistou afinal uma sede condigna; o Centro de Convenções, em imponente conjunto arquitetônico,

firmou-se como cenário ideal para encontros, simpósios, seminários ou congressos.

Mesmo antes, porém, do Centro de Convenções, já acolhíamos, como nunca, embaixadas de todos os quadrantes do País para conclaves de finalidades diversas. Montara-se entre nós uma infra-estrutura hoteleira que ensejava empreendimentos dessa natureza. Mas justiça se faça ao Sr. César Cals: o fenômeno produziu-se mercê, sobretudo, da acolhida franca e calorosa que o governo lhes dispensou. Lucrou o Ceará, e lucrou muito, entre outros motivos, porque se tornou mais conhecido e mais amado, retificando ao vivo a imagem que o exagero e desinformação lançavam na imaginação de nossos irmãos de paragens distantes.

Até outras promoções, que pelo nome sugeriam meros objetivos comerciais, tiveram também alcance cultural. É o caso, por exemplo, da Feira dos Municípios, idealizada pela Primeira Dama, e a Exposição de Artesanato Nordestino. Porque a cultura se projeta e se configura por igual na exteriorização da arte popular, em que somos exuberantemente criativos e que esses certames difundiam e fortaleciam.

No Ministério, César Cals continuou o otimista e entusiasta de sempre, com ação decisiva na implantação do programa alternativo de energia. Retirou Itataia do esquecimento e é pena que não se tenha levado adiante o esforço pela exploração de urânio, que seria, sem dúvida, um dos pólos de sustentação do desenvolvimento do Ceará.

Revi-o, como ministro, no cenário majestoso do Tocantins, diante da grande ponte rodo-ferroviária por onde se escoa o minério do ferro de Carajás. Por falar nesse rio de águas claras, vem-me à mente um outro caudal que nos é mais familiar, o Parnaíba, e a cujo desvio assisti, para prosseguimento da construção de Boa Esperança. E vou terminar por onde poderia ter começado. Porque foi em Boa Esperança que conheci pessoalmente César Cals, tendo ao seu lado, como braço direito, Paulo Ayrton Araújo, depois, seu eficiente Secretário de Educação no Ceará.

No registro jornalístico que escrevi, incorporado ao meu livro **Jornal na Estante,** tem este trecho:

"Impressionante a ordem que se observa. Boa Esperança é um paradigma de organização. Nos dias comuns e nos momentos excepcionais, como o que viveu agora. Tudo foi previsto e cumprido à risca. Sem exagero, sem histerismos. Muito senso de responsabilidade e extraordinária boa vontade. César Cals soube incutir em todos a mística de Boa Esperança. E a hidrelética vai para a frente. E já no próximo ano estará produzindo energia. Energia que apressará a redenção do

Nordeste".

Pelo que foi e pelo que fez, a memória de César Cals credencia-se ao respeito da posteridade. (Palavras proferidas no Instituto do Ceará, na sessão de 20/03/1991, publicada no **O Povo,** edição de 05/04 do mesmo ano.